



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 27/04/2018

GLOBAL	3
Rabobank: Principales proyecciones para 2018	3
TPP	3
Brasil	3
Oceania.....	3
UE	4
China	4
Estados Unidos	5
Canadá.....	5
México.....	5
Blockchain.....	6
BRASIL	6
Presión a la baja en el mercado de hacienda	6
Cepea: Alza de insumos complica el engorde intensivo	7
Las ventas de carne de Brasil dependen más de China.....	7
Unión Europea suspendió 20 establecimientos productores de carne de ave por presencia de Salmonella	7
Brasil con ventas complicadas a la Unión Europea.....	7
Embargo afecta al mercado de alimentos balanceados.....	7
Camex autoriza inicio de tratativas para la apertura de un panel ante la OMC	8
CNA obtuvo una medida cautelar contra la medida que prohibía la carga viva en el municipio de Santos – Prevenir aumento de las exportaciones de ganado en pie	8
Aftosa: en mayo comienza la vacunación en la mayoría de los estados.....	9
URUGUAY	9
Escalada del precio del novillo gordo sigue y alcanza los US\$ 3,35	9
Secco sobre el precio del ganado gordo: “Estamos llegando a la cima”	10
Otro ajuste en precio de la carne en el abasto.....	11
Ingresos por exportaciones de carnes crecieron 15%	11
Unos 500 trabajadores más de la industria frigorífica enviados a seguro de paro	11
Frigorífico PUL asegura que reabrirá su planta dentro de un mes.....	12
Frigorífico Colonia enviará 600 trabajadores a Seguro de Paro.....	12
Otro año más con preñeces caras	13
La ganadería al rescate	14
PARAGUAY	15
Brasil y Paraguai simplificaron el intercambio de hacienda en pie	15
UNIÓN EUROPEA	15
UE y México alcanzaron un Nuevo acuerdo económico – Beneficiará a las carnes porcinas	15
UE reclama un “esfuerzo” al Mercosur para cerrar acuerdo comercial	17
FRANCIA Prohíbe la utilización de términos cárnicos para describir la comida vegetariana	17
ESTADOS UNIDOS	18
CHINA RESPONDE A MEDIDA APLICADAS.....	18
Temer el impacto de la medida sobre la industria de carnes bovinas.....	18
Existencias en feed lots llegaron al 1º de abril al Segundo nivel más elevado de su historia	18
Indicios de una desaceleración en el proceso de retención de stocks	19
Demanda de carnes crece en 2018	19
Tyson anunció que invertirá en carne “falsa”	20
USDA aprobó el traslado de virus de la aftosa para hacer un estudio en el continente	21
Informe oficial solicitó al USDA más efectividad en la reducción de patógenos en la carne	21
VARIOS	21
MEXICO cerró con la UE pero todavía negocia con el NAFTA	21
VENEZUELA: Panaftosa enviaría una misión para evaluar la situación	22
EMPRESARIAS	23
JBS ampliará la producción de hamburguesas en sus plantas paulistas	23
Frigorífico Florida (Uruguay) inversión de capitales chinos y venezolanos, se pondrá en actividad en mayo	23
JBS Carnes exportación récord de productos industrializados en el primer trimestre.....	24
Frigorífico Las Piedras Nos preocupa que el 50% de la producción se vaya para un solo destino"	24





GLOBAL

Rabobank: Principales proyecciones para 2018

25/04/18 - por Equipe BeefPoint

O índice Rabobank Seven-Nation Beef subiu durante outubro e novembro, impulsionado por melhorias nos preços do gado nos Estados Unidos:

TPP

A versão de 11 membros da Parceria Trans-Pacífico (TPP) deverá gerar ganhos para os países exportadores de carne bovina Austrália, Nova Zelândia, México e Canadá – através de tarifas reduzidas no principal importador mundial de carne bovina do Japão, além de tarifas reduzidas em países importadores menores como Chile, Vietnã e Peru.

China abre mais mercado de carne bovina para o mundo

A China está permitindo mais importações de carne bovina e países importadores, intensificando a concorrência no mercado. O acesso à carne bovina resfriada foi concedido para a Argentina – o quarto país depois da Austrália, dos EUA e da Nova Zelândia a receber tal acesso.

Em carne bovina congelada, a Bielorrússia obteve aprovação e duas instalações foram oficialmente credenciadas em janeiro. A China também assinou um protocolo para a importação de carne bovina da França e do Reino Unido, e provavelmente iniciará embarques nos próximos meses.

Além disso, o primeiro carregamento de gado vivo do norte da Austrália – principal região de exportação de gado vivo – chegou em janeiro. Este barco é a indicação mais forte de que um comércio de gado vivo pode se tornar mais permanente.

Acordo entre Mercosul e UE

Uma nova proposta para permitir que os países do Mercosul enviem 99.000 toneladas de carne bovina para a UE com tarifas mais baixas foi apresentada como parte dessa longa discussão comercial. Este é um volume significativo, dado que as importações totais de carne bovina da UE nos últimos dois anos foram entre 204.000 toneladas e 270.000 toneladas.

O Brasil, a Argentina e o Uruguai já são os principais fornecedores da UE (responsáveis por 63% do total das importações da UE) – o Brasil sozinho respondeu por 107.000 toneladas em 2017. Os negociadores do Mercosul estão aparentemente buscando um aumento, para 150.000 toneladas. Esse impasse pode prolongar ainda mais as discussões, que já correm o risco de atraso devido às eleições brasileiras.

Produção dos EUA parece ainda mais forte

As previsões no final de 2017 foram de que a produção de carne bovina dos EUA vai crescer mais de 3%, ou um adicional de 360.000 toneladas. No início de 2018, com números atualizados de bovinos, condições favoráveis de mercado, e dado que grandes áreas dos EUA estão em seca, os aumentos de produção foram revistos em até cerca de 5%, ou cerca de 700.000 toneladas.

Brasil

O Rabobank estima que a produção brasileira de carne bovina aumentará em cerca de 5% durante 2018, reforçada por um número crescente de vacas que serão descartadas devido à queda dos preços dos bezerros.

Depois de ter diminuído 8% durante o primeiro semestre de 2017, as exportações brasileiras de carne bovina se recuperaram e terminaram 2017 mais do que 9%, em volume, em relação a 2016. Além disso, os preços médios de exportação também aumentaram 4%.

Hong Kong foi o principal destino em 2017, comprando mais de 350.000 toneladas de carne bovina do Brasil, um aumento de cerca de 25% em relação a 2016. A China foi o segundo maior comprador de carne bovina brasileira, importando mais de 210.000 toneladas: quase 30% mais do que em 2016.

O PIB do Brasil deve aumentar entre 2% e 3% em 2018, o que, por sua vez, deve apoiar uma recuperação consistente do consumo doméstico de carne bovina. Alguma demanda adicional será mais do que bem-vinda, à medida que uma oferta adicional – estimada em cerca de 400.000 toneladas – deverá estar disponível em 2018, quando a produção total de carne bovina brasileira deverá ultrapassar 9,8 milhões de toneladas.

Os frigoríficos se beneficiarão de maior produtividade e melhor utilização da capacidade resultando em custos fixos mais baixos em 2018. Do lado do produtor de gado, a maior disponibilidade de gado para engorda também deve resultar em menores custos. No entanto, o ritmo da recuperação do consumo local será fundamental na definição dos preços do gado vivo.

Oceania

Os impactos sazonais estão novamente impulsionando o mercado australiano. Com as condições mais secas entre janeiro e fevereiro, a demanda do produtor diminuiu e os preços caíram.



As previsões do tempo não são muito fortes para as chuvas que poderiam reduzir a seca e que estimulariam a demanda de reabastecimento em Queensland. Assim, os preços podem continuar caindo no primeiro trimestre.

O abate de bovinos em 2017 foi 2% menor que em 2016, com 7,2 milhões de cabeças. Os números foram mais fortes no segundo semestre do ano, com os abates sendo 5% maior do que o período correspondente em 2016, ilustrando que a manutenção de ações para a reconstrução estava diminuindo e – à medida que o rebanho se reconstrói – mais animais chegaram ao mercado.

As exportações em 2017 refletiram o aumento da produção, que subiu 3%, para 1,01 milhão de toneladas. As exportações de gado vivo (engorda e abate) em 2017 foram 22% menores do que em 2016, com 760.466 cabeças.

As condições de seca em Queensland – que respondem por 40% do rebanho australiano – atrasarão o processo de reconstrução e limitarão o crescimento da produção até 2018.

Na Nova Zelândia, o abastecimento interno mais apertado e a melhoria do retorno das exportações ajudarão a sustentar os preços do gado. No entanto, o fortalecimento do dólar neozelandês em relação ao dólar americano desde o início de dezembro (quase 6%) continua a criar ventos contrários para os processadores. Consequentemente, o Rabobank espera que os preços permaneçam relativamente estáveis nos próximos três meses.

Os abates totais na Nova Zelândia nos primeiros três meses da temporada 2017/18 (out-dez) foram 15,5% maiores do mesmo período do ano passado. Desde dezembro, a maioria das principais regiões produtoras de gado tem recebido chuvas significativas, restaurando os níveis de ração e reduzindo a oferta de gado para os processadores.

Embora os preços de abate tenham diminuído um pouco no trimestre, os preços permaneceram relativamente firmes, apesar do forte aumento da produção doméstica.

A maior produção resultou em um aumento de 18% nas exportações no quarto trimestre de 2017. Combinado com fortes valores médios, o valor das exportações aumentou 29% em relação ao ano anterior.

UE

Estima-se que a oferta de carne bovina da UE aumente em 2018, devido a pequenos aumentos na produção e nas importações. Embora os preços na UE sejam variáveis, o Rabobank espera que os preços médios de 2018 sofram mais pressão.

A produção de carne bovina estabilizou em 2017, após vários anos de expansão. A oferta total da UE para 2017 foi estimada em 26,5 milhões de cabeças, ou 7,8 milhões de toneladas, um pouco abaixo do nível recorde de 2016.

As exportações e importações de carne bovina estavam perto do equilíbrio em 400.000 toneladas em 2017. Quase 75% das importações são provenientes da América do Sul e, em 2017, Argentina e Uruguai ganharam participação de mercado às custas do Brasil.

As negociações comerciais UE-Mercosul poderiam levar a um aumento dessas importações. Além do comércio de carne bovina, as exportações de animais vivos aumentaram 7%, para 1 milhão de cabeças, em 2017.

O consumo de carne bovina da UE vem caindo. No entanto, no sul da Europa – especialmente na Espanha e na Itália – o atual otimismo econômico sinaliza uma potencial demanda crescente por carne bovina.

China

O mercado chinês de carne bovina teve um forte desempenho nos últimos trimestres. Isso é refletido pelos constantes preços ao produtor desde agosto.

O preço de varejo da carne bovina também aumentou, em comparação com outras carnes. Em janeiro, o preço de varejo da carne bovina foi 2,5 vezes maior do que o da carne suína e 3,4 vezes maior do que o da carne de frango. Em janeiro de 2017, a diferença foi de 2,2 vezes e 3,3 vezes, respectivamente. A carne ovina, que é o substituto para a carne bovina, também registrou aumentos mais fortes nos preços nos últimos trimestres.

Os baixos volumes de produção causados por dois anos de seca no norte da China sustentaram os fortes preços da carne bovina e ovina. Além disso, a saída de pequenos e médios produtores de leite, motivada pela falta de rentabilidade, também contribuiu para o declínio da oferta de gado. Dado o longo ciclo de produção, espera-se que a oferta local de carne bovina seja limitada durante 2018.

Em 2017, as importações oficiais de carne bovina da China aumentaram em 20%, chegando a 695.000 toneladas. A competição entre exportadores sul-americanos tem sido intensa. O Uruguai superou o Brasil nos primeiros 11 meses, mas perdeu a primeira posição para o Brasil no último mês. Os dois países têm participações muito próximas nas importações totais da China em 2017, com o Brasil exportando 197.000 toneladas. A Argentina apresentou o maior crescimento, aumentando as exportações para a China em 66% em 2017.



A Argentina terá mais oportunidades em 2018, agora foi aprovada pela China para fornecer carne fresca refrigerada. Em 2017, os EUA e a Nova Zelândia obtiveram acesso ao mercado chinês de carne resfriada, que anteriormente só era acessível à Austrália. Devido aos altos preços, as importações da Austrália diminuíram 14% em 2017. No entanto, a Nova Zelândia apresentou um forte crescimento e, como resultado, o total de importações de carne resfriada caiu apenas 4% em relação ao ano anterior. Devido à tendência de premiumização no mercado consumidor chinês, espera-se que as importações de carne resfriada aumentem em 2018.

Estados Unidos

Os mercados de gado dos EUA iniciaram 2018 com otimismo cauteloso. 2017 terminou como o segundo ano mais rentável para os produtores de gado dos EUA – e, pelo menos para o primeiro trimestre de 2018, o impulso do mercado continua.

A expansão mais lenta que o esperado em 2017 e a pesada carga inicial de gado confinado criam uma oferta mais apertada do que o esperado e uma perspectiva de mercado mais brilhante para o segundo semestre de 2018. Os preços do gado no acumulado do ano estão em , ou acima, dos níveis esperados, apoiados por uma continuação da demanda sólida tanto no mercado interno quanto no externo.

Embora o tom do mercado tenha iniciado o ano com bases sólidas e continuação da lucratividade em todos os setores, há uma série de obstáculos potenciais que podem se tornar problemáticos à medida que o ano se desenrola.

Em primeiro lugar na lista de preocupações estão as condições de seca. Atualmente, existem 27 estados que estão mostrando vários graus de estresse hídrico. A população de vacas desses 27 estados é 31,4 milhões de cabeças, 76% da população de bovinos dos EUA.

Outras áreas que precisam de observação atenta são o risco de aumento dos pesos das carcaças. Atualmente, o número de animais confinados cresceu 8% em relação a um ano atrás. Devido à seca, as colocações nos confinamentos estão grandes e devem diminuir até o primeiro semestre do ano.

O fornecimento de boi gordo para o primeiro semestre do ano está definido – mas com uma boa disponibilidade de grãos a preços muito atraentes, será extremamente importante evitar o excesso de peso das carcaças para manter a produção total de carne bovina em níveis administráveis.

A outra incerteza no mercado são os incógnitas da política comercial dos EUA. As negociações do NAFTA estão em andamento, mas demoram para progredir. Ainda há discussão sobre a reabertura do KORUS, as tarifas ainda são um problema com o Japão e, houve comentários de que os EUA poderiam aderir ao TPP se as condições estivessem certas.

Canadá

O Canadá continua sendo um mercado cheio de sinais mistos. As condições de seca em uma parte do oeste do Canadá e a dificuldade em encontrar pastagem têm limitado os planos de expansão no setor. O rebanho de gado canadense, incluindo o número de vacas, continua estável ou marginalmente menor.

Ao mesmo tempo, a fraqueza do dólar, os preços atraentes do grão, a forte demanda por carne bovina e o aumento das exportações de carne bovina e de gado de corte significaram que a demanda por gado tem sido excepcional.

Isso se refletiu na redução das exportações de gado para engorda para os EUA – queda de 33% em 2017 – e forte demanda por bezerros (até 100.000 cabeças de bezerros dos EUA foram exportadas para o Canadá em 2017).

Como resultado, a base de boi gordo canadense tem sido incrivelmente forte – tanto na comparação entre os preços do animal vivo do Canadá e nos EUA, quanto no preço vivo do Canadá para os futuros de gado vivo da CME. O aumento na base foi impulsionado pela demanda agressiva dos frigoríficos por boi gordo.

Os níveis básicos têm sido tão fortes que isso causou preocupações de uma bolha que deixa o mercado de gado canadense vulnerável a uma correção de preços acentuada.

Tem havido um aumento no consumo de carne bovina per capita. Ao mesmo tempo, as exportações de gado e carne para os EUA continuam fortes, assim como as exportações de carne bovina para outros destinos.

Indonésia

As importações de bovinos para engorda em 2018 devem chegar a 500.000 cabeças, estável com relação ao ano anterior, com uma série de direcionadores chave. Em primeiro lugar, a demanda sazonal do Ramadã e Idul Adha vai impulsionar os números de importação nos primeiros meses de 2018.

Em segundo lugar, um possível alívio nos preços do gado australiano apoiaria as margens de confinamento. A demanda emergente da China por gado para abate proveniente de áreas livres da língua azul é uma ameaça, mas inicialmente não se espera que coloque pressão restritiva sobre a disponibilidade de gado para engorda.

México

A expansão do rebanho deverá continuar até 2018, com o programa do governo para repovoar o rebanho tendo um impacto positivo. Além disso, os bons preços incentivaram a reprodução continuada do gado em



operações de cria. No entanto, nem todos esses bovinos permanecem no México – o resultado é que a expansão do rebanho poderá desacelerar e afetar a produção nos próximos anos.

A produção de carne bovina aumentou em 2017, atingindo 1,92 milhão de toneladas, um aumento de 2,5%. Espera-se que a produção de carne cresça, com mais gado disponível para abate e aumento do peso. Em 2018, a produção deverá aumentar em cerca de 47 mil toneladas, para 1,96 milhão de toneladas, um aumento de outros 2,5%.

O consumo interno deverá crescer em 1,6% em 2018, impulsionado principalmente por grupos de renda mais elevados. As exportações mexicanas deverão aumentar em mais 20.000 toneladas, para chegar a 300.000 toneladas em 2018. Mas pode haver incentivos para exportar ainda mais, com interesse renovado e a possibilidade de a Rússia começar a importar carne bovina do México em 2018. O México continuou a ser um exportador líquido de carne bovina em 2017, exportando 280.000 toneladas de carne bovina, importando 206.000 toneladas.

Blockchain

As aplicações da tecnologia blockchain estão sendo amplamente desenvolvidas na indústria de alimentos. Embora muitas das primeiras aplicações tenham sido motivadas pelo desejo de aumentar a rastreabilidade e a transparência, com foco na segurança alimentar, existem oportunidades na cadeia de fornecimento.

Em sua forma mais simples, blockchain é uma plataforma digital que armazena, facilita e verifica transações entre usuários. Transações ou blocos são registrados em um registro compartilhado. Entidades individuais, como produtores ou processadores, possuem sua própria cópia do registro, que é conectada a milhares de outros registros da rede. Quando uma transação é feita, um novo registro (ou bloco) é criado e verificado pela rede e adicionado ao blockchain. Isso permite interações seguras e quase instantâneas entre as empresas.

O fundamento do blockchain é que ele permite a rastreabilidade das informações na cadeia de valor, simplificando drasticamente o processo de verificação da origem do produto, atributos de qualidade e práticas de produção e processamento. Isso oferece enormes possibilidades em um mundo no qual os consumidores desejam produtos seguros e de alta qualidade e aumentam a visibilidade de atributos e práticas ao longo da cadeia de suprimentos.

Além de seu uso nas indústrias de alimentos, a ferramenta pode ser usada também na área de produção. Por exemplo, interoperabilidade do blockchain o torna superior às soluções atuais de compartilhamento de características genéticas, tornando mais simples acompanhar o desempenho produtivo. Uma cadeia incluindo, entre outros, o produtor, o confinamento, o produtor e a organização genética poderiam compartilhar o desempenho e verificar os valores genéticos, que são todos transferidos em tempo real na transação.

A abordagem do registro compartilhado do blockchain simplifica drasticamente os processos de burocráticos, como a reconciliação de transações e a geração de relatórios: um benefício para os processadores/frigoríficos de carne bovina e para os produtores.

Para obter valor, o blockchain exige o envolvimento de todas as partes interessadas ao longo da cadeia de valor. Mas ilustrar valor e calcular uma distribuição adequada de custos e benefícios pode levar um tempo considerável – e isso continua sendo a maior barreira à adoção em larga escala.

No caso da demanda por blockchain ou da utilização de blockchain liderada pelo varejo, os produtores e os que estão na cadeia de fornecimento podem se sentir encorajados a participar da blockchain – e serão os primeiros a adotar a tecnologia que se beneficiará dos prêmios e eficiências iniciais.

BRASIL

Presión a la baja en el mercado de hacienda

Sexta-feira, 27 de abril de 2018 - O cenário é de pressão de baixa no mercado do boi gordo. Ofertas de compra abaixo da referência são comuns na maioria das praças pesquisadas.

A melhora da oferta, principalmente de fêmeas, e a estratégia dos frigoríficos de abater menor volume de bovinos, na intenção de adequar seus estoques, colaboraram para este cenário.

Além disso, estes fatores geraram alongamento das escalas de abate. Em São Paulo, por exemplo, estas giram em torno de seis a sete dias.

Do lado do atacado, os ajustes em relação aos abates colaboraram para limitação nas quedas.

O boi casado de animais castrados ficou cotado em R\$9,37/kg.

Já no mercado atacadista de carne bovina sem osso, alta de 0,3%, na média de todos os cortes pesquisados, nos últimos sete dias.



Cepea: Alza de insumos complica el engorde intensivo

26/04/18 - por Equipe BeefPoint Neste momento que antecede o período de seca, pecuaristas de corte têm se planejado quanto ao volume de animais que vão confinar nas próximas semanas. Por isso, conforme colaboradores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) as atenções de produtores estão voltadas aos atuais preços do boi magro e, principalmente, do milho e do farelo de soja, importantes insumos da ração, que estão em alta.

Outro termômetro utilizado pelo mercado e que vem influenciando certa cautela de alguns produtores são os preços do boi gordo no mercado futuro. Na B3 (antiga BM&FBovespa), os próximos vencimentos apontam quedas nos valores da arroba. Fonte: Cepea.

Las ventas de carne de Brasil dependen más de China

Abril 20, 2018 La ganadería brasileña desplazó a Paraguay en el mercado chileno

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador.

Las ventas de carne vacuna brasileña a China se aproximaron al 50% en el primer trimestre del año, con un aumento de la participación de colocaciones a ese mercado de cerca de 10 puntos porcentuales respecto a igual período de 2017.

Según las cifras oficiales compiladas por la Asociación Brasileña de Frigoríficos (Abrafrigo), entre enero y marzo las ventas externas de carne vacuna totalizaron 393.083 toneladas por un valor de US\$ 1.589 millones. El incremento interanual fue de 19% en volumen y de 21% en facturación. En marzo las exportaciones aumentaron 20% en volumen –148.904 toneladas– y 21% en ingresos, que llegaron a US\$ 590,2 millones.

Abrafrigo destacó que las ventas a China –directas al continente sumado a las que ingresa por Hong Kong– sumaron 171.249 toneladas en el primer trimestre, concentrando 46,1% del total. Entre enero y marzo de 2017 las colocaciones al mercado chino representaron 35,8% del total. Este empuje en las colocaciones a China más que se compensó el efecto negativo del embargo ruso a la carne bovina brasileña.

Le ganó a Paraguay en Chile

La carne brasileña ganó terreno en el mercado chileno, desplazando a Paraguay del primer lugar como proveedor. Así surge de los datos para el primer bimestre de la Oficina de Estudios y Políticas Agrarias del Ministerio de Agricultura de Chile.

La suspensión de cinco frigoríficos paraguayas para exportar a Chile influyó en la pérdida del liderazgo en el mercado, dando más espacio a Brasil. Entre enero y febrero de 2018 Paraguay concentró el 36,5% del total de importaciones chilenas, contra el 46,1% de igual período del año pasado.

Australia exportó más

Las exportaciones australianas de carne vacuna en el primer trimestre llegaron a 237.700 toneladas, con un incremento de 10% respecto a igual período del año pasado. El mayor avance se dio entre enero y febrero con una mayor faena debido a las condiciones de sequía en estados productores clave.

Unión Europea suspendió 20 establecimientos productores de carne de ave por presencia de Salmonella

Brasil con ventas complicadas a la Unión Europea

23/04/2018 - Hay 20 plantas de carne aviar que están fuera de mercado.

La decisión de Europa de prohibir las importaciones de carne de varios proveedores brasileños afecta de 30% a 35% de las exportaciones de Brasil y obligará a las empresas a encontrar nuevos mercados mientras los funcionarios brasileños trabajan para revertir la medida, dijo el ministro de Agricultura de Brasil, Blairo Maggi. Brasil amenaza con recurrir a la Organización Mundial de Comercio para frenar la decisión europea.

La Unión Europea suspendió las importaciones de productos cárnicos brasileños, principalmente carne aviar, en una medida que afectó a 20 plantas brasileñas autorizadas para exportar a la UE, según un comunicado de la Comisión Europea. “Estuve en Europa y estábamos esperando una definición de cuántas plantas, si es que algunas, iban a ser eliminadas”, dijo el ministro Blairo Maggi después de que se dio a conocer la medida.

Embargo afecta al mercado de alimentos balanceados

24/04/18 - por Equipe BeefPoint O embargo europeu a 20 produtoras de carnes do Brasil, principalmente aves, afetará negativamente a demanda por ração e conseqüentemente por produtos como milho e farelo de soja, os principais ingredientes da alimentação animal, disse o vice-presidente-executivo do Sindicatos, Ariovaldo Zani.



O Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações) previu inicialmente produção de cerca de 70 milhões de toneladas de ração no Brasil este ano, o que seria um crescimento de aproximadamente 3% sobre o recorde do ano passado. Mas essa estimativa não deve se confirmar, e a atividade pode se expandir menos do que o previsto.

“Fazendo um estudo aritmético, hoje, atualizando, [esse crescimento] dá no máximo 2%. Mas a situação está se agravando, a tendência é de esses 2% se esvaírem também”, declarou Zani à Reuters.

“Em hipótese mais complicada, podemos não ter crescimento nenhum em relação ao ano passado ou até retrocesso, tamanha a influência da questão da União Europeia.” Em 2017, a produção de ração no Brasil demandou cerca de 43 milhões de toneladas de milho, ou a maior parte do consumo interno do cereal projetado para o País, de 57 milhões de toneladas em 2016/17. No caso do farelo de soja, a produção de ração demandou no ano passado 16 milhões de toneladas, segundo dados do Sindirações, de um consumo total no País estimado pelo governo em 17 milhões de toneladas em 2016/17.

Camex autoriza início de tratativas para la apertura de un panel ante la OMC

26/04/18 - por Equipe BeefPoint Os ministros da Câmara de Comércio Exterior (Camex) autorizaram por unanimidade o início das tratativas de abertura de contencioso junto à Organização Mundial do Comércio (OMC) contestando barreiras impostas pela União Europeia à carne de frango brasileira. A proposta foi encaminhada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) depois que o bloco econômico decidiu embargar exportações alegando a presença de salmonella no produto.

“A comunidade europeia argumenta com uma questão sanitária, mas se os frigoríficos brasileiros pagarem uma tarifa de 1.024 euros por tonelada e mandarem tudo como carne in natura, o produto entra na UE sem problemas sanitários”, informou o ministro Blairo Maggi. “Então não é uma questão de saúde. E é isso que nós vamos reclamar na OMC”, explicou. Pagando a tarifa extra-cota, as exigências sanitárias quanto a salmonellas são reduzidas de 2600 tipos da bactéria para dois.

O ministro Blairo Maggi encontrou-se antes da reunião da Camex com os ministros de Relações Exteriores, Aloysio Nunes, e da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, Marcos Jorge, para esclarecer os problemas enfrentados com a UE.

CNA obtuvo una medida cautelar contra la medida que prohibía la carga viva en el municipio de Santos – Prevén aumento de las exportaciones de ganado en pie

25/04/18 - por Equipe BeefPoint A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) obteve nesta terça, 24 de abril, uma vitória no Supremo Tribunal Federal (STF) que irá permitir aos produtores rurais exportarem cargas vivas pelo porto de Santos, SP.

A entidade havia entrado no STF com ação questionando uma lei municipal, publicada no último dia 19, que proibiu o trânsito de cargas vivas em Santos. Na ação, a CNA alegou que a lei é inconstitucional e cria “empecilhos desastrosos para o comércio exterior brasileiro, uma vez que proíbe o trânsito para a embarcação de carga viva em um dos maiores portos da América Latina”.

“Essa decisão do ministro Edson Fachin traz segurança jurídica para o setor agropecuário, na medida que garante amplo acesso do escoamento da produção dos produtores rurais brasileiros”, afirmou o chefe da Assessoria Jurídica da CNA, Rudy Maia Ferraz.

Boa parte das exportações de gado vivo tem como destino países árabes que têm seus próprios métodos para abate, o que justifica a demanda de exportações de animais vivos pelo Brasil.

A cidade tem o maior porto do país, responsável por boa parte das exportações da produção brasileira, mas a proibição do trânsito desse tipo de carga nas vias urbanas e de extensão urbana do município iria afetar o acesso aos terminais portuários.

Na semana passada, o presidente da CNA, João Martins, alertou o prefeito do município sobre as consequências negativas da lei. “Qualquer medida que afete – ainda que minimamente – a cadeia de exportação já internamente implementada trará imensurável prejuízo e danos irreparáveis, tais como a quebra de produtores de bovinos de corte e o fechamento de empresas exportadoras”, disse Martins em ofício enviado ao prefeito.

Com Santos liberado, exportação de gado vivo aumenta

Fonte: Folha de São Paulo. 27/04/18 - por Equipe BeefPoint

O Brasil deverá exportar 650 mil bois vivos neste ano. Se as estimativas se confirmarem, as vendas externas brasileiras de animais voltarão aos melhores patamares anuais, atingido os números de 2013 e de 2014.

As expectativas são de Bruno Lucchi, superintendente técnico da CNA (Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil).

Essa meta fica mais plausível porque o porto de Santos volta a ser um canal de exportação. Lei municipal, que impedia o trânsito e exportação de animais vivos pela cidade, foi derrubada pelo STF (Supremo Tribunal Federal) na terça-feira (24).



Lucchi, da CNA, entidade que pediu a suspensão da lei municipal que impedia o acesso do gado vivo ao porto, diz que “o país segue regras internacionais e não podem ser criados precedentes nessa atividade”. As exportações brasileiras deste ano crescem muito, e a participação do porto de Santos também. De janeiro a março foram exportados 143 mil animais, e 17,5% saíram por Santos. No ano passado, a participação do porto era de apenas 6,6%.

Em 2018, o Brasil não tem mais o grande parceiro importador de há alguns anos, a Venezuela. Em 2014, dos 252 mil animais que saíram das fronteiras brasileiras nos três primeiros meses do ano, 208 mil foram comprados pelos venezuelanos.

A crise econômica se acentuou no país vizinho e, no primeiro trimestre deste ano, a Venezuela não fez importações de gado no Brasil.

O grande parceiro agora é a Turquia, que ficou com 103 mil dos animais exportados no primeiro trimestre do ano. O Líbano vem a seguir, com 17,5 mil animais.

Para Lucchi, existe uma discussão sobre a exportação de gado vivo, sobre o fato de não agregar valor. “Há, porém, espaço para tudo”, diz ele. O Brasil deve atuar em todas as pontas da cadeia. “Manter uma estratégia de agregar valor, mas não sufocar as outras formas de exportação.”

Essa política de abrir várias frentes de exportação é importante neste momento porque a Rússia fechou a importação de carne suína e a União Europeia aumentou as barreiras para o frango brasileiro. O resultado de tudo isso é uma queda de preços internos, que chega também à carne bovina.

Para o superintendente da CNA, tudo isso ocorre em um momento de produção elevada de proteínas, milho em alta e preços da carne em baixa.

O cenário para os próximos meses também não é favorável. Os países importadores tomam como base essas barreiras para reduzir preços nos contratos que serão assinados pela frente, afirma Lucchi.

Aftosa: en mayo comienza la vacunación en la mayoría de los estados

27/04/18 - por Equipe BeefPoint A partir de 1º de maio os produtores da maior parte dos estados devem vacinar seus rebanhos contra aftosa. O diretor do Departamento de Saúde Animal (DSA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Guilherme Marques, alertou que o calendário de vacinação têm que ser seguido à risca.

“O fazendeiro que não cumprir com sua obrigação será autuado e multado (a multa depende de cada estado) e a vacinação será aplicada mesmo que seja necessária a utilização de força policial”, afirmou. Santa Catarina é o único estado sem essa obrigação, por já ser livre de febre aftosa sem vacinação. Em março e abril, teve início a vacinação em parte dos estados de Roraima, Rondônia, Pará e Amazonas.

O diretor explica que o ministério avalia a imunidade para saber se os animais foram realmente vacinados. Isso é possível com a coleta de material (sangue), em várias propriedades, de diversos estados. Essa checagem complementa a declaração de vacinação e a nota fiscal de compra apresentada pelos criadores. Se os auditores fiscais constatarem que o rebanho não foi vacinado, o produtor responderá um processo. “Então é bom todos estarem conscientes do seu papel, fazer a vacinação corretamente, conservando a vacina na temperatura de 2 a 8 graus, aplicando, preferencialmente, debaixo do couro, na tábua do pescoço dos bois e búfalos”, alerta o diretor.

A retirada da vacinação contra aftosa no Brasil está prevista a partir de maio de 2019, no Acre, Rondônia, além de uma parte do Mato Grosso e do Amazonas que faz fronteira com os dois estados. As ações serão estabelecidas por meio de portaria. Neste ano, a vacina continua com a dosagem de 5ml, contendo dois tipos de vírus: O e A.

“Estamos trabalhando para que em maio do ano que vem a vacina tenha 2ml”, disse Marques. O criador que, eventualmente, observa algum tipo de lesão vesicular ou animais babando e mancando (suspeita de febre aftosa) deve comunicar imediatamente o serviço veterinário oficial.

As notificações de casos suspeitos de doença vesicular podem ser feitas no aplicativo Pec.SaúdeAnimal, gratuito, tanto no sistema Android como no IOS. Também serve para notificação da raiva, ataque de morcegos vampiros entre outros problemas sanitários, inclusive para denunciar criadores que não estejam vacinando o gado ou escondendo alguma enfermidade. Este aplicativo também contém toda legislação federal e as regras internacionais de saúde animal; têm os manuais do Ministério da Agricultura que servem como uma orientação aos veterinários privados e oficiais e ao produtor rural em geral.

URUGUAY

Escalada del precio del novillo gordo sigue y alcanza los US\$ 3,35

Abril 27, 2018 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Uruguay queda segundo en la región después de Paraguay, supera a Argentina y sigue muy arriba de Brasil



La escalada de precios sigue para los novillos y de esa manera se amplía la brecha comparado el valor actual con el de un año atrás. El ánimo de los productores también se ha recuperado con la llegada de las lluvias y con la continuidad de las buenas temperaturas.

Por los lotes voluminosos de novillos bien terminados se cruzaron los US\$ 3,35 por kilo de carcasa y se dispara la brecha, a 18%, con respecto a la referencia para novillo especial a fines de abril del año pasado, cuando el precio era US\$ 2,87.

No obstante, se precisó que se trata de negocios excepcionales, porque la mayoría se concretan entorno a US\$ 3,30.

Si se observa la región, con este empuje local de precios Uruguay se ubica segundo después de Paraguay –que tiene US\$ 3,36 como referencia para el novillo gordo–, supera a Argentina –US\$ 3,13 por kilo carcasa– y se posiciona muy arriba de Brasil, donde hay referencias de entre US\$ 2,70 y US\$ 2,80.

Además de la escasa oferta y buena demanda industrial, la llegada de cuadrillas kosher es un factor que también está jugando en este partido.

Algunos equipos ya operan en algunas plantas y en otras están negociando su llegada. Y se ve reflejado en la demanda de la industria, con cargas fluidas, de máximo siete días.

El precio de la vaca también sigue muy firme, en US\$ 3,05 a US\$ 3,10 por kilo, dependiendo del peso de carcasa. Por las vacas especiales se pueden lograr los US\$ 3,15. Y por la vaquillona, con fuerte demanda del abasto, el precio actual de referencia ronda los US\$ 3,20.

Una particularidad de esta semana fue el cierre provisorio por 30 días de las plantas de PUL y del Frigorífico Colonia, de la mano del descenso de ganado disponible para faena.

"No creo que tenga demasiado impacto en el mercado. Lo que no se faene ahí se hará en otras plantas", señaló al respecto Gustavo Basso, de la firma Gustavo Basso Negocios Rurales.

Leve caída de la faena

La faena cayó 3% la semana pasada respecto a la anterior, totalizando 41.187 cabezas. Y se estima que mantendrá la tendencia de baja, al menos hasta agosto. La participación de las vacas fue de 49,4% y la de novillos 47,4%.

Se espera que los precios continúen en ascenso, con una oferta que seguirá escasa y ganados de verdeo que recién aparecerán en más de un mes.

Las perspectivas son de una poszafra larga y de valores firmes, coinciden los consignatarios consultados.

Exportación de carne vacuna estable en US\$ 3.500

La tonelada exportada de carne vacuna tuvo su quinta semana consecutiva con valores entorno a US\$ 3.500 por tonelada. Entre el 15 y 21 de abril el precio de exportación promedió US\$ 3.536, idéntico valor al de la semana anterior. Y en lo que va del año se afirma en US\$ 3.518, es decir 3,1% arriba del promedio en mismo período del año pasado (US\$ 3.411).

En carne ovina, hubo un ajuste semanal negativo de 7%. En la semana cerrada el 21 de abril la tonelada promedió US\$ 4.274 frente a US\$ 4.620 de la semana anterior.

Es muy destacada la suba que registra en lo que va del año.

El promedio en el acumulado hasta la semana pasada fue de US\$ 4.537 por tonelada, un salto de 12,6% sobre los US\$ 4.031 por tonelada que se registró un año atrás.

Secco sobre el precio del ganado gordo: "Estamos llegando a la cima"

26/04/2018 - Mayo será el mes "más crítico" para la faena de vacunos.

A pocos días de cerrar abril y con una referencia del novillo gordo especial que alcanza los US\$ 3,30 en cuarta balanza, el CEO de negocios de Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, dijo a Rurales El País que los precios de la hacienda en post zafra "ya están" y no percibe, de acuerdo a los negocios planificados de la compañía, que los valores "puedan avanzar más este año, más allá de lo que marquen las próximas dos semanas".

Secco comentó que "tengo más fe al segundo semestre del año porque el mercado y contexto internacional reacciona y permite valorizar un poco más la hacienda", sin embargo entiende que el precio "está llegando a la cima, al menos en el primer semestre del año", añadió con prudencia.

Con respecto a la faena de vacunos, el también presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay (ADIFU) señaló que en mayo y las primeras semanas de junio será el momento "más crítico", que además coincide con los cambios de normativa en la faena con destino a Israel. "Al momento no tenemos oficial la respuesta de seguir trabajando en plantas que estamos haciendo reformas y asimismo hay que ver cómo reacciona el mercado porque a los precios y costos operacionales actuales hace que deje de ser un negocio atractivo", agregó Secco.

Explicó que en los meses de enero, febrero y marzo se hizo la "diferencia" en los volúmenes de actividad versus el trimestre del año pasado, entendiendo que abril está "peinando parecido" al mismo mes del 2017. Y, "si se suma las condiciones climáticas del verano, el pasto que no se pudo hacer y demoras en el agua para reaccionar las comidas; todo retrae la oferta de año que es la tradicional para el procesamiento".



Otro ajuste en precio de la carne en el abasto

jueves, 26 abril 2018 La industria traslada la suba del precio del ganado gordo semana a semana a la media res que llega a las carnicerías.

Los frigoríficos de mayor peso en el abasto interno están modificando los precios de la carne.

Varias empresas contactadas por El País confirmaron que la suba de precios para la media res y algunos cortes es inminente. Hasta el momento el precio venía estable —había plantas que no tocaban sus tarifas desde principios de abril—, pero el aumento es de entre \$ 4 y \$ 5 por kilo para la media res, porque el novillo de abasto pasó en la última semana de US\$ 3,10 a US\$ 3,27 por kilo.

Hay frigoríficos que tocaron el precio del asado y otros que dejaron este corte fuera de la suba.

La faena sigue firme y por encima de las 40.000 reses semanales, lo que muestra la avidez de los frigoríficos por acaparar la mayor oferta de ganado que sale al mercado.

Si bien sigue entrando carne importada que es volcada al abasto interno y regula los precios, comienza a complicarse la compra desde frigoríficos de Río Grande do Sul por la suba de valores del ganado y la poca oferta de hacienda gorda.

Eso dificulta el ingreso de mayores volúmenes de carne brasileña —cortes desosados y envasados al vacío— procedente de frigoríficos exportadores que trabajan mayoritariamente con razas británicas; es carne de igual calidad a la que están acostumbrados los uruguayos. Desde ahí están entrando unos cuatro camiones semanas con 22.000 kilos cada uno.

La otra opción para importar es Paraguay, desde donde algunos frigoríficos que también mantienen presencia operativa en la nación guaraní, ya están importando, pero esos cortes pueden tener alguna diferencia en cuanto a calidad con los que está acostumbrado a consumir el abasto interno. Otras empresas están importando cortes desde Brasil central, donde el ganado está más barato que en Río Grande do Sul, pero donde también se manejan otras razas bovinas.

La suba de la carne pega en la inflación y una buena opción para sustituirla es el pollo. Si bien ya está entrando pollo desde Estados Unidos, es poco lo que entra de Brasil, con un cupo de 120 toneladas.

Ingresos por exportaciones de carnes crecieron 15%

Abril 20, 2018 Precios promedio por carnes bovinas y ovinas son superiores a los del mismo período del año pasado

Considerando el total de las exportaciones del sector cárnico nacional, en lo que va de 2018 (del 1° de enero al 14 de abril) ingresaron al país US\$ 608.111.000, lo que significa un 15% más en relación al ingreso logrado a esta altura del año pasado (US\$ 531.080.000), según datos aportados este viernes a El Observador por técnicos del Instituto Nacional de Carnes (INAC).

Carnes de bovino

En el caso de la carne bovina, las exportaciones aumentaron 14% si se mide en dólares y crecieron 10% medido en volumen (considerando en ese caso el peso canal).

Se dirigieron al exterior 100.014 toneladas (peso embarque) e ingresaron US\$ 504.435.000.

La participación por sub rubro

Las carnes bovinas explican el 82,95% del total de los ingresos obtenidos por las exportaciones del sector.

Las de carnes ovinas corresponden al 3,41% del total de divisas obtenidas.

Considerando el resto de los productos exportados, sobresale la participación del 5,61% para las menudencias (US\$ 34.127.000 por 10.338 toneladas) y el 1,54% de la carne equina (US\$ 9.387.000 por 2.048 toneladas).

Mejores precios de exportación

Este año el precio promedio de la tonelada de carne vacuna exportada (143.254 toneladas peso canal) se ubica en US\$ 3.521, por encima de los US\$ 3.404 del año pasado a esta altura.

En el caso de la carne ovina exportada (4.575 toneladas peso canal) está en US\$ 4.534 por tonelada, superando el registro que había al 14 de abril de 2017, ubicado en US\$ 4.074.

Unos 500 trabajadores más de la industria frigorífica enviados a seguro de paro

25/04/2018 - Establecimientos Colonia, de la brasileña Marfrig, se suma a la medida de Frigorífico PUL y no realizarán faenas en mayo por escasez de ganado gordo.

Pocas horas después de conocer la noticia que Frigorífico PUL (Minerva Foods) detiene sus actividades por un mes y envía un 70% de su plantilla a licencia, de un total de 600 operarios aproximadamente, y el número restante a seguro de paro, Establecimientos Colonia (Grupo Marfrig) comunicó que enviará unos 500 trabajadores a seguro de paro.

Según información a la que accedió Rurales El País, esta decisión se debe a una estrategia empresarial que está asociada a la restricción de oferta de hacienda, que estiman que a fines de mayo y principios de



junio se retomaría la actividad con normalidad. Además de otras problemáticas que están relacionadas con el mercado de Israel.

En principio la planta quedaría operativa, pero no realizarán procesamientos de animales durante mayo. Los sectores que serán enviados a seguro de paro son aquellos que ya gozaron licencias, especialmente la faena y desosado, que son las divisiones que contemplan el mayor personal. En total serían unos 500 empleados de unos 700 activos. Otros sectores como elaborados, producción de hamburguesas, secadores y mantenimientos, seguirán operando.

En las últimas semanas la planta no venía realizando actividades dado que la plantilla cumplía licencia. Pese a esto, Establecimientos Colonia suma 32.735 vacunos procesados desde enero a la fecha, representa un 4,2% del total que registra unos 782.989 animales. Marfrig, que cuenta con tres plantas más en el país, acumula 177.641 reses faenadas y se mantiene como la empresa con mayor actividad en los últimos años.

Frigorífico PUL asegura que reabrirá su planta dentro de un mes

25/04/2018 El sindicato cree que su cierre temporal se debe a la poca faena.

El sindicato del importante frigorífico exportador PUL, de Cerro Largo, cree que la planta retomará su operativa a un ritmo normal dentro de un mes. Su presidente, Guzmán Rivero, dijo a El País que prácticamente todo el personal de la empresa, unas 600 personas, está o gozando de la licencia anual (alrededor del 70%) o en seguro de paro. La decisión se debe a la falta de ganado para faena y es un tipo de medida habitual en los grupos como el brasileño Minerva (que controla también los frigoríficos Carrasco y Canelones) que tiene la capacidad de direccionar ganado a sus otros establecimientos.

La aguda falta de agua en algunas zonas del país durante el verano es un factor que incide para que haya habido una merma en el ganado para faena. "Es la operativa normal de las empresas que tienen varios frigoríficos como Marfrig (también brasileño) o Minerva. Para una planta fuera de zafra, se manejan así. Es algo normal. No nos había pasado todavía aunque en los otros dos frigoríficos pasa normalmente. Es una realidad que se venía venir. Lo atribuimos a una falta de ganado preparado y a los precios. Es un tema de la coyuntura del negocio", señaló el sindicalista. La reapertura se realizaría con todo el personal, aseguró Rivero.

Por otro lado, PUL continuó ayer con las tratativas que mantiene con el sindicato en el Ministerio de Trabajo para negociar un nuevo convenio. Rivero dijo que el sindicato pretende mejoras diferenciales para el personal de limpieza y mantenimiento. El convenio en el frigorífico PUL venció hace dos años. En julio del año pasado hubo un envío al seguro de paro de menor cuantía, que abarcó a 140 personas. El sindicato argumentó en ese momento que se trataba de una medida antisindical. Ese mismo mes un acuerdo dejó sin efecto el envío.

Por otro lado, en la ronda de tratativas salariales que recién comenzó, los sindicatos de la industria de la carne plantearon con claridad que entienden que este rubro debe considerarse como un sector "dinámico". Por ese motivo, las empresas deberían acceder a otorgar incrementos en términos reales.

En la industria cárnica trabajan alrededor de 12.000 personas, de las cuales al menos la mitad está agremiada.

Actualmente su histórico gremio, la Foica, está dividido entre el Foica-Ciudad Vieja y Foica-Cerro. En la denominada Foica-Cerro es muy fuerte la presencia de sindicalistas del Partido Comunista.

Tanto los frigoríficos del grupo Minerva como Marfrig tienen un fuerte sesgo exportador y están habilitados en los principales mercados.

Frigorífico Colonia enviará 600 trabajadores a Seguro de Paro

Abril 25, 2018 La medida es provocada también por la menor cantidad de ganado apto para faena

Otra empresa frigorífica anunció que durante mayo enviará a la mayoría de sus trabajadores (unos 600) al Seguro de Paro. Se trata del Frigorífico Colonia, integrante del Grupo Marfrig, con planta industrial en la ciudad de Tarariras.

De un total de unos 740 trabajadores que realizan tareas en esta industria de la carne, se decidió el envío de la cantidad antes mencionada, destacó a El Observador el presidente del sindicato del Frigorífico Colonia, Richard Collazo.

Esta situación se suma a la medida del Frigorífico PUL de la ciudad de Melo conocida este lunes, enviando 100 trabajadores al Seguro de Paro, mientras que a 500 le otorgó la licencia anual reglamentaria. Collazo explicó que el personal de Frigorífico Colonia estuvo de licencia durante abril y que se les comunicó por la empresa que ahora serán enviados al Seguro de Paro durante un mes.

También en este caso determina la medida la menor cantidad de animales preparados para la faena y el no haberse cerrado aún los negocios Kosher para Israel, lo que habrá de extenderse durante mayo y junio, explicó el dirigente.

Fueron enviados al seguro unos 600 trabajadores, en tanto que unos 140 empleados quedan para cumplir tareas en la línea de producción de hamburguesas, mantenimiento y limpieza de la planta industrial.



Otro año más con preñeces caras

22/04/2018 - Ecografías en bovinos no muestran resultados tan malos en un año difícil para ganadería. Los resultados preliminares de los diagnósticos de gestación en bovinos están mostrando mucha variabilidad entre zonas y entre predios. En aquellos establecimientos donde se aplicó tecnología para asegurar las preñeces y no fueron tan afectados por la seca, las ecografías están mostrando buenos resultados.

En la otra vereda, donde no se hizo nada o fueron más afectados por la sequía, se habla de porcentajes de 40% y 45% en rodeo de cría. Por otro año más, la cola de parición formada por aquellos ganados que se preñaron tarde, porque incluso hay productores que todavía tienen los toros dentro de los rodeos, será más acentuada que en el ejercicio ganadero anterior.

El gran desafío será cómo pasar el invierno con esos ganados gestando y con las recrias -las futuras madres-, cuando hay establecimientos que ya se comieron las reservas e ineludiblemente se debe apuntar a racionar. El actual y el próximo, no hay duda que serán dos años con “preñeces caras”.

Para el Dr. Guillermo De Nava, profesional con amplia trayectoria en la cría y la reproducción que trabaja en el norte del país, “el servicio no es sólo poner el toro con las vacas, hay que aplicar medidas y tecnología para poder lograr buenos resultados”.

Los veterinarios sostienen que fue un año donde costó preñar las vaquillonas y el problema es que se preñaron más tarde, porque no llegaron a tiempo en noviembre a dar el peso de entore. En esta categoría, al menos en el norte, hay preñeces de 90% y 95%.

“Previo a los programas de inseminación estábamos viendo buena ciclicidad (celo regular cada 21 días), el invierno positivo de 2017 que fue muy benigno, ayudó a los animales y la seca fue posterior, pero les dio a las vaquillonas para preñarse. El problema fue para las vacas paridas”, dijo el veterinario.

De nava lleva 17.000 vientres de 12 rodeos pasados por el ecógrafo, en momentos en que se le está dando prioridad a los rodeos con mayor performance (aquellos que más tecnología aplican). Estos predios están dando 88,8% de preñez.

En un año complicado como este, el profesional explicó a El País que “hubo que recurrir a un mayor uso del destete precoz y por consiguiente, el dato de kilos de ración por preñez de vaca parida creció”. Como ejemplo, explicó que en un grupo de cuatro rodeos de una misma empresa, donde hubo una preñez de 95%, “gastamos 23 kilos de ración por preñez de vaca parida cuando el año pasado habíamos alcanzado el 94,8% y sólo gastando 1,2 kilos por preñez. Son preñez bastante más costosa”, afirmó.

Cola de parición. Entre otros efectos que están mostrando los diagnósticos de gestación, confirman que “se observan más preñeces de cola. En estos mismos predios teníamos 10% de preñez en el último mes de servicio y ahora tenemos 21% donde las vacas agarraron cría en febrero, consecuencia de muchos de los manejos que intentamos aplicar”. Las dos principales características de esta temporada de servicio serán: preñeces más caras y mayor cola de parición en los rodeos.

“Por eso en el largo plazo, habrá consecuencias en el peso de los terneros al destete en 2019, por una mayor proporción de vacas cola en la parición. Se obtendrán terneros más livianos. En lugar de parir en septiembre, muchas de esas vacas van a parir en noviembre. Ahí en esos dos meses de pronto achican 30 o 40 kilos de diferencia entre los terneros que nacen temprano y los que nacen más tardíamente”, explicó el profesional.

Para De Nava los datos que se están obteniendo son “algo mentirosos” porque no dicen nada de todo lo que gastó la gente para lograr esos niveles de preñez. La gente que no hizo demasiadas cosas están con porcentajes bajos. “Hay resultados muy variables donde el manejo pesará fuerte este año y de cómo afectó la seca”, advirtió también el Dr. Charles Coughbrou, otro profesional destacado en el área de la reproducción animal.

Advertencia. Con el invierno por delante habrá que tener mucho cuidado con el manejo y habrá que gastar más para mantener las máquinas de producir terneros. “Los ganados preñados ahora -al menos en el norte- están con menor condición corporal de la que tenían el año pasado a esta altura y ese es un gran desafío para los veterinarios cómo hacerlos pasar el invierno. La condición corporal al parto define mucho la tasa de preñez.

Diferencia. También en otras zonas se diferencian claramente en porcentajes los predios donde se aplicó tecnología para asegurarse los terneros. El Dr. Gabriel García Pintos, otro especialista, asesor y productor dijo a El País que en las vaquillonas que se entoraron temprano los resultados no son del todo malos, al igual que en los ganados solteros, pero también se ve, “que hay ganados con algunos puntos más abajo que el año pasado en cuanto a resultados de preñez”.

En las cabezas de parición del año pasado “bajó unos puntos”, pero aún así este profesional consideró que “hay resultados interesantes (entre 70% y 78%, dependiendo de la zona). Lo malo son las preñeces del 15 de enero en adelante que formarán cola de parición”, agregó García Pintos.

Advirtió a los productores que “habrá que suplementar las terneras de destete de primer año, para que no pase lo que pasó otros años y es la investigación de la Ing. Agr. Graciela Quintans, que la ternera pierde



kilos y luego nos cuesta preñarla. Ya lo vimos en INIA Treinta y Tres con las secas anteriores. “Va a ser un invierno muy difícil”, sostuvo el profesional.

La gran incertidumbre es cómo darles de comer a los ganados tras la seca. “Hay lugares que hay pasto, en otros no hay nada hoy. En otros casos hay predios donde ya se comieron los potreros que estaban reservados para los destetes, para las vaquillonas”. Ni siquiera se puede empezar a pensar en volverlas a preñar, porque la prioridad es que pasen el invierno y lleguen al parto con buen estado corporal. A eso hay que sumarle que las parasitosis siguen apretando, especialmente la garrapata y hay enfermedades como la brucelosis bovina que siguen avanzando y que parecen estar lejos de poder ser controladas, según sostienen los veterinarios de campo.

La ganadería al rescate

Por el Ing. Agr. Nicolás Lussich. 21/04/2018 - El retroceso agrícola abre espacio al ganado, pero el crecimiento no será inmediato.

La seca fue dura y sus secuelas se verán en la producción ganadera por un buen tiempo. Afectó principalmente la cría y la merma en la preñez se verá a mediano plazo, con menos faena y exportaciones. Sin embargo, el clima aprieta pero no ahorca: transitamos un otoño amigable, con temperaturas altas y lluvias, buen clima para recomponer los ganados, implantar verdeos y pasturas, antes que caiga el invierno.

Tal vez lo más destacado de esta dura sequía es cómo reaccionó el sector, pues las virtudes se ven más en las difíciles. Los circuitos ganaderos tenían todas sus llaves y fusibles funcionando: buenos precios y mercados de exportación que permitieron procesar una faena récord; la industria frigorífica compitiendo por los ganados, lo que permitió sostener el mercado del gordo; y una exportación en pie muy activa, fusible clave que contribuyó también a sostener los precios y la relación flaco / gordo (gráfica). Las discusiones sobre la conveniencia de mantener abierta la exportación en pie parecen (por suerte) haber quedado atrás. Para los frigoríficos, el fortalecimiento de las exportaciones en pie implica preocupación y desafíos en el presente, pero garantía de oferta a largo plazo. Por esto, no es de extrañar que lleguen más inversiones al sector.

Con los mercados se vislumbra algo parecido: a pesar de los vaivenes, los precios están firmes y la demanda se sostiene, liderada por China. Tal vez la nota de preocupación es la coincidencia de dos hechos: una mayor concentración de la exportación cárnica uruguaya en China, justo cuando se afirma la guerra comercial entre dicho país y EEUU. Y lo segundo puede reafirmar lo primero. Sin embargo, las últimas proyecciones de demanda mundial lucen auspiciosas para la carne vacuna.

En cualquier caso, es claro que todo el sector agropecuario está complicado y tendremos una caída en la actividad de faena y producción en los próximos meses, por la faena anticipada, la llegada del invierno y las estrecheces financieras. En la ganadería se manejan precios en dólares, pero Uruguay tiene sus costos en pesos e inflación alta; así, al pasar los kilos de carne a pesos, enflaquecen (ver cuadro).

Todo esto confirma algo sabido: clima y mercados van y vienen, con las fluctuaciones esperables de cada caso. Lo que lleva a reenfocarnos en las cuestiones propias, esas que solo dependen de lo bien o mal que hagamos las cosas. Allí, el sector exhibe FORTALEZAS: la gestión se ha profesionalizado, la nutrición es cada vez más eficiente en todas las etapas, lo que deriva -a su vez- en una mejora paulatina en la calidad del producto. Los avances tecnológicos y la inversión acumulada en producción agrícola pueden tener su “derrame” en la producción ganadera, a través de la producción de granos forrajeros, reservas, y verdeos; además, el retroceso de las áreas agrícolas va a liberar más áreas para la ganadería, como ya lo están esbozando los datos de Dicose.

Sin embargo, también hay DEBILIDADES: a pesar de los múltiples mercados a los que llega la carne uruguaya, los costos arancelarios son muy altos y poco se ha hecho para mejorar en este plano; en parte porque no es fácil -los contrarios también juegan- en parte porque no queremos: las trabas ideológicas a la expansión comercial debilitan los esfuerzos que intenta el gobierno. Lejos estamos de tener una visión inocente de las negociaciones comerciales: todos intentan arrimar agua a su molino y la negociación con la UE es un ejemplo. Pero aún no se asume -en particular en el FA- que comerciar más es mejor, sobre todo para un país como Uruguay, que es chico y quiere agrandarse.

Si esto no se despliega con más vigor, queda debilitado otro factor relevante para la carne uruguaya: su valor de marca. En este plano los avances han sido notorios, a partir del trabajo de las empresas exportadoras, productores, INAC, Uruguay XXI. Pero en la competencia por los paladares más exigentes no estamos solos: luego de más de una “década perdida”, la ganadería argentina busca recomponerse y la tendremos de vuelta en el mundo, con un valor de marca reconocido que constituye una objetiva AMENAZA en el mediano plazo. Hay otras, como la mencionada “guerra comercial” entre EEUU y China, que puede sumar algún otro a la trifulca; asimismo, los problemas comerciales de Brasil, que enfrenta trabas en las exportaciones, pueden deprimir los precios de las carnes en la región.

Pero también hay OPORTUNIDADES: aún con las crecientes exigencias sanitarias, en bienestar animal y en calidad en general, la carne uruguaya tiene potencial para crecer mucho en valor agregado, tanto por



volumen como por calidad. Para aprovecharlas -además de reducir las debilidades y conjurar las amenazas- se requiere que el Estado (que hace aportes) mejore mucho más su productividad y eficiencia, de lo contrario se vuelve una carga imposible de sobrellevar, por más esfuerzo que se haga en los campos, frigoríficos y en el comercio. En el fondo, se trata de asumir -de una vez por todas- que se agrega más valor y se beneficia más la sociedad uruguaya criando más terneros, y engordando y faenando más novillos en todo el país, que invirtiendo en hornos de portland que no se instalan, o en cooperativas fundidas, o en ciertas áreas de la salud pública que más bien parecen cotos privados. Se escucha habitualmente que la granja, la lechería y hasta la agricultura, tienen un impacto social relevante. Pues lo mismo vale para la ganadería, cuyo rol social se ha soslayado vaya a saber por qué cúmulo de prejuicios. Al final, la vaca les gana (otra vez).

PARAGUAY

Brasil y Paraguay simplificaron el intercambio de hacienda en pie

Fonte: Mapa.23/04/18 - por Equipe BeefPoint

O diretor do Departamento de Saúde Animal (DSA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Guilherme Marques, e o presidente do Serviço Nacional de Qualidade e Saúde Animal (SENACSA) do Paraguai, Hugo Frederico Benitez, assinaram acordo de simplificação do comércio de bovinos entre os dois países. Na prática, foi feita a revisão do Certificado Veterinário Internacional (CVI) para o comércio de bovinos para reprodução entre o Brasil e o Paraguai.

O ministro da Agricultura e Pecuária do Paraguai, Marcos Medina, participou da assinatura, realizada em agenda paralela à 45ª Reunião da Comissão Sul Americana para Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa), realizada em Santa Cruz de La Sierra, Bolívia, durante esta semana. Participaram também representantes dos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, envolvidos nesta movimentação internacional de animais, devido à sua proximidade com o Paraguai.

A revisão do Certificado Veterinário Internacional realizada pelo DSA, seguiu as normas da Comissão Regional da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) para as Américas. Entre as simplificações, está a eliminação de exames laboratoriais que não eram mais exigidos pela OIE para o comércio internacional de bovinos. Mas o diretor do DSA afirma que "será mantido o nível de segurança sanitário necessário a este comércio".

A estimativa é de que, com esta atualização, até o fim deste ano, deverão ser exportadas 45 mil cabeças de bovinos do Brasil para o mercado paraguaio. Os animais serão destinados à reprodução e melhoramento genético do rebanho daquele país.

UNIÓN EUROPEA

UE y México alcanzaron un Nuevo acuerdo económico – Beneficiará a las carnes porcinas

European Commission - Press release Brussels, 21 April 2018

The European Union and Mexico today reached a new agreement on trade, part of a broader, modernised EU-Mexico Global Agreement. Practically all trade in goods between the EU and Mexico will now be duty-free, including in the agricultural sector.

Simpler customs procedures will further benefit the EU's industry, including in sectors like pharmaceuticals, machinery and transport equipment. The agreement also lays down progressive rules on sustainable development. Among other things, the EU and Mexico have committed to effectively implementing their obligations under the Paris Agreement on climate change. It will also be the first EU trade agreement to tackle corruption in the private and public sectors.

European Commission President Jean-Claude Juncker said: "Trade can and should be a win-win process and today's agreement shows just that. Mexico and the EU worked together and reached a mutually beneficial outcome. We did it as partners who are willing to discuss, to defend their interests while at the same time being willing to compromise to meet each other's expectations. With this agreement, Mexico joins Canada, Japan and Singapore in the growing list of partners willing to work with the EU in defending open, fair and rules-based trade."

Commissioner for Trade Cecilia Malmström added: "In less than two years the EU and Mexico have delivered a deal fit for the economic and political challenges of the 21st century. We now open a new chapter in our long and fruitful relationship, boosting trade and creating jobs. Today's agreement also sends a strong message to other partners that it is possible to modernise existing trade relations when both partners share a clear belief in the merits of openness, and of free and fair trade."

Commissioner for Agriculture, Phil Hogan, said: "This agreement proves yet again the value of the EU leading from the front globally in promoting open and rules-based trade. Our commitment is to deliver benefits for our citizens at home through closer cooperation with our partners abroad. This deal is very



positive for our agri-food sector, creating new export opportunities for our high-quality food and drink products, which in turn will create support more jobs and growth, particularly in rural areas."

Today's agreement – once finalised and approved – will benefit both companies and consumers across Europe and advance the EU's values-based trade policy agenda. The agreement in principle struck today brings the EU's trade relationship with Mexico into the modern era, tearing down most of the remaining barriers to trade.

Since the previous EU-Mexico trade agreement came into force in 2000, trade between the EU and Mexico has risen at a rate of around 8% per year, resulting in an overall increase of 148% in trade in goods over the period. Despite these positive results, there was still a wide margin for improving the trade relationship that the new agreement is addressing, by making virtually all trade in goods duty-free.

The main elements of the agreement

1) Agricultural exports from the EU are set to benefit the most, such as poultry, cheese, chocolate, pasta, and pork.

The agreement will, in particular:

- provide preferential access for many cheeses such as Gorgonzola and Roquefort, which currently are up to 20%, and gain significant new access for many others within annual quotas;
- secure a considerable volume for milk powder exports in one of the largest markets, starting with 30,000 tonnes from entry into force, rising to 50,000 tonnes after 5 years;
- allow the EU to substantially increase its pork exports to Mexico, with duty-free trade for virtually all pork products;
- eliminate tariffs for products like chocolate (currently up to 30%) and pasta (currently up to 20%);
- ensure the protection from imitation for 340 distinctive European foods and drink products in Mexico, so-called geographical indications, such as Comté cheese from France, Queijo São Jorge cheese from Portugal, Szegedi szalámi from Hungary, and Magiun de prune Topoloveni plums from Romania. This means that EU producers of traditional delicacies are not struggling against copies, and when consumers buy these products they can do so knowing they are buying the real thing.
- When it comes to customs procedures, the new agreement will bring in new rules to simplify and speed up paperwork and physical checks at Mexican customs.

2) The agreement includes a comprehensive trade and sustainable development chapter, which sets the highest standards of labour, safety, environmental and consumer protection; introduces a new dialogue with civil society in all areas of the agreement, strengthens the EU and Mexico's actions on sustainable development and climate change, notably the obligations both sides undertook under the Paris Agreement on climate change; and maintains and fully safeguards Member States' right to organise public services the way they choose.

The agreement also includes an explicit reference to the precautionary principle that, already enshrined in the EU treaties, allows the EU to keep products out of its market as long as there is no scientific certainty that they are safe.

It will also be the very first EU trade agreement to include provisions to fight corruption, with measures to act against bribery and money laundering. The broader Global Agreement, of which the trade agreement is an integral part, also covers the protection of human rights, as well as chapters on political and development cooperation.

3) The agreement is a big step forward in giving companies mutual access to government contracts in both the EU and Mexican public procurement markets. EU and Mexican companies will be placed on an equal footing, irrespective of whether they present a bid in Mexico or in the EU. Mexico has also committed itself to enter into negotiations with the Mexican States to allow EU firms to tender for contracts at State level by the time the agreement is signed.

4) This opening goes hand in hand with setting a level playing-field: we agreed a high level of protection of intellectual property rights. This protects EU research and development and guarantees fair pay for EU artists, as well as the 340 traditional EU delicacies mentioned above.

5) The new agreement opens up trade in services, such as financial services, transport, e-commerce, and telecommunications. The agreement will also help develop a favourable environment for a knowledge-based economy, with a new chapter on digital trade. This will remove unnecessary barriers to online trade, like charging customs duties when downloading an app, and will put in place clear rules to protect consumers online.

6) On investment protection, the agreement improves investment conditions and includes the EU's new Investment Court System, ensuring transparency and the right of governments to regulate in the public interest, and will also ensure that Mexico and the EU work towards the setting up of a Multilateral Investment Court.

Overall, this agreement will strengthen Europe's leadership in shaping globalisation by putting in place trade rules that are in line with the EU's core values and safeguard the EU's interests and sensitivities. In



doing so, it contributes to addressing challenges identified in the reflection paper on Harnessing Globalisation presented by the Commission as part of the White Paper process.

Next Steps

Today's agreement in principle includes the most important elements of the agreement. In some chapters, technical details still need to be tied up. Based on today's agreement in principle, negotiators from both sides will continue their work to resolve the remaining technical issues and finalise the full legal text by the end of the year. Then, the Commission will proceed with the legal verification and translation of the agreement into all official EU languages, and will subsequently submit it for approval by the European Parliament and Council of the European Union.

Background

The negotiations for the new agreement with Mexico started in May of 2016 based on negotiating directives from the Council. They were conducted according to the Commission's high transparency standards. In addition to close scrutiny from the European Parliament and Member States, the Commission ensured access to information about the progress in the negotiations by publishing regular reports from the negotiating rounds, as well as negotiating proposals.

The trade pillar is part of a broader Global Agreement, which sets the framework for the EU's relationship with Mexico and covers issues of broader shared interest that go beyond trade, including political issues, climate change and human rights.

In 1997, Mexico was the first country in Latin America to sign a Global Agreement with the EU. This came into force in 2000, and will be replaced by the new agreement once it is ratified.

UE reclama un “esfuerzo” al Mercosur para cerrar acuerdo comercial

24/04/2018 - “Para que las negociaciones avancen, las dos partes tendrían que hacer este esfuerzo, reconociendo las sensibilidades del otro”, dijo una fuente europea.

AFP | La Unión Europea (UE) reclama un “esfuerzo” a los países del Mercosur en las negociaciones con miras a concluir un ambicioso acuerdo comercial entre las dos regiones, trascendió este lunes de una fuente de la comisión.

“La UE indicó que estaba dispuesta a hacer esfuerzos para responder a las expectativas de nuestros socios”, explicó la fuente.

“En esta fase, para que las negociaciones avancen, las dos partes tendrían que hacer este esfuerzo, reconociendo las sensibilidades del otro”, agregó la fuente europea respecto al bloque sudamericano que integran Brasil, Argentina, Uruguay y Paraguay.

Los negociadores de la UE y del Mercosur se reunirán entre el martes y el jueves en Bruselas para intentar desbloquear las discusiones sobre este acuerdo, que será el más importante negociado por el bloque europeo hasta ahora.

Los europeos temen la llegada a su mercado de productos agrícolas, mientras que los sudamericanos tienen reservas sobre la competencia que podría suponer para sus industrias productos manufacturados en Europa.

En un reunión a fines de enero, la zona europea hizo saber que estaba dispuesta a mejorar su oferta en lo que concierne a la carne de países del Mercosur, pero no reveló ninguna cifra.

Bruselas espera a cambio un mejor acceso para sus automóviles y sus productos lácteos, además de una mayor protección de los productos con denominación de origen.

Las discusiones entre los dos bloques, lanzadas hace 20 años, se aceleraron en 2017 en un contexto favorable por el vacío que dejó Estados Unidos desde que el presidente Donald Trump asumió el poder, impulsando una política económica proteccionista.

La UE, que multiplica los acuerdos comerciales en estos últimos meses, anunció este fin de semana haber alcanzado un acuerdo “de principio” con México en las negociaciones de modernización de su tratado de libre comercio vigente desde el año 2000.

FRANCIA Prohíbe la utilización de términos cárnicos para describir la comida vegetariana

23/04/2018 Los diputados franceses han votado a favor de prohibir la utilización de términos del vocabulario cárnico para describir aquellos productos que se pueden encontrar en el supermercado que están elaborados a base de proteínas vegetales. De esta forma no se podrán utilizar denominaciones como mortadela vegana o hamburguesa vegetal o incluso leche de soja.

La media fue propuesta por uno de los diputados, Jean Baptise Moreau, y se aplicará a los productos vegetarianos sustitutos de la carne.

El propio Moreau en su cuenta de Twitter reconocía que era importante luchar "contra las afirmaciones falsas: nuestros productos deben estar correctamente designados: ¡los términos "queso" o "bistec" se reservarán para los productos de origen animal!".



En el proyecto de ley se especifica que el objetivo es prohibir la veta engañosa de productos en los que se asocian términos como bistec, filete o salchicha con productos que no están compuestos exclusivamente o parcialmente de carne.

En caso de incumplimiento de la norma se establecerá una multa de 300.000 euros.

ESTADOS UNIDOS

CHINA RESPONDE A MEDIDA APLICADAS

Temas el impacto de la medida sobre la industria de carnes bovinas

Updated: Apr 25, 2018 AMARILLO - The local beef industry could be impacted if China places additional tariffs on products from the U.S.

"Proposed tariffs from China in retaliation are counter to the tariffs as proposed to the U.S. are of significant importance to the U.S. beef market," says Ross Wilson, the CEO of Texas Cattle Feeders Association.

The Texas Cattle Feeders Association tells us if these tariffs go into place, Chinese consumers would be paying more for U.S. beef, which would put producers at a disadvantage.

"The impact of the tariffs is basically that it raises bottom line, it raises the cost of beef to the Chinese consumer so they go to the store and look at U.S. beef at one price, Canadian beef, Australian beef, beef from South America and there are a lot of factors that go into the final price at the retail counter, but one of those significant factors can be tariffs that are added by the importing country, in this case, China," added Wilson.

With China being the second largest importer of beef in the world, the U.S. has been looking to increase exports to them.

Wilson says losing the possibility would hurt local producers.

"We export approximately 13-15% of all of the beef that is produced in the U.S. but 96% of the consumers live outside of the U.S. so export markets are important to cattle producers and beef producers," said Wilson.

Wilson tells us he has heard concerns from those in the beef industry but it is unknown when the tariffs will go into effect.

A tariff of nearly 180% has already been added to U.S. sorghum.

That went into effect last week.

Existencias en feed lots llegaron al 1º de abril al Segundo nivel más elevado de su historia

April 20, 2018 The Cattle on Feed report has been on a continual increasing trend since December 2016 and the current April inventory is the highest for the month in 12 years. (Wyatt Bechtel)

Continuing a 16 month trend of increases the latest Cattle on Feed report showed a year-over-year rise by 7% for April.

The feedlot inventory has risen by 5% or more each month since October 2017. The last time the Cattle on Feed report showed a decrease was in December 2016.

The latest Cattle on Feed report from the U.S. Department of Agriculture shows the feedlot inventory on April 1, 2018, was 11.7 million head for feedlots with capacity of 1,000 or more head. Last year there were nearly 1 million fewer cattle in feedlots at the same time.

This month's inventory is the second highest reported for April since the series began in 1996. The last time the feedlot cattle inventory was higher occurred in April 2006.

For April 2018 there were 7.54 million steers, up 4% from last year and accounting for 64% of the total inventory. Heifers on feed was up 14% since last year with 4.19 million reported.

Several states saw large year-over-year increases in cattle on feed inventory. The top five increases were seen in:

Arizona 23.0%

California 20.5%

Iowa 10.4%

Texas 9.8%

Nebraska 9.3%

Idaho was the only state in the report to have a drop with 10,000 fewer cattle for a decline of 3.8%.

The trend in rising inventories could slow however as placements were down 9% from last year with 1.9 million cattle placed in March. Last year there were 2.1 million cattle placed during March. The two highest placed categories of cattle were 700-799 pounds at 530,000 head and 800-899 pounds at 531,000 head.

Fed cattle marketings in March were down 4% from 2017, totaling 1.84 million head.



Indicios de una desaceleración en el proceso de retención de stocks

April 26, 2018 The April 1 inventory of feedlots over 1,000 head capacity was 11.729 million head, up 7.4 percent from last year. This report was very close to pre-report estimates and contained no surprises. Feedlot marketings in March were 96.1 percent of last year, just about even with last year considering that there was one less March business day in 2018 compared to one year ago. March placements were 90.7 percent of last year. While close to expectations, this placement number is significant because it breaks a string of twelve consecutive months of year over year placement increases.

Decreased March placements are not an indication of fewer total cattle supplies but rather are a confirmation of the change in feedlot timing in recent months. Larger, drought-enhanced placements in recent months have built up feedlot inventories and have set the stage for larger than normal seasonal peak marketings in May and June. Lower March placements are a reminder that, while the timing of feedlot production has changed somewhat with cattle entering the feedlot earlier than usual recently, fewer cattle are now available for placement and the overall number of cattle is unchanged.

The April 1 quarterly breakdown shows that the number of steers on feed was 4.1 percent higher year over year, similar to the 4.4 percent increase on January 1. Heifer feedlot inventories were up 14.0 percent compared to one year ago. Heifers on feed began to increase sharply in mid-2017 with higher quarterly inventories July 1 (+10.6 percent) and October 1 (+13.0 percent) as well as January 1, 2018 (+16.0 percent) and now April. The increase in heifers in feedlots is indicative of the slowdown in heifer retention in 2017 and continuing in 2018. The heifer slaughter that follows from increased heifers in feedlots provides an indication of the status of herd expansion in 2018. In the past twelve months, heifers have represented an average of 34.3 percent of total steer and heifer slaughter. Over the course of a cattle cycle, heifers account for about 37 percent of total yearling slaughter, a level that generally represents a stable herd size. This percentage varies from roughly 31 percent during rapid herd expansion to about 40 percent during herd liquidation. The current level of heifer slaughter is up from a recent low of 31.4 percent in mid-2016 but is still less than the long term average and certainly below levels that would suggest herd liquidation. Heifer slaughter is increasing but is still at a level that suggests limited but slightly positive herd growth.

The other component of herd inventory change is cow slaughter. Beef cow slaughter for the year to date is up 10.6 percent year over year. At the current pace, beef cow culling in 2018 would continue to climb from the low levels of recent years (record low in 2015) and return to normal levels this year. Both heifer slaughter and beef cow slaughter patterns thus far are consistent with the idea of positive but small continued beef cow herd expansion in 2018.

Demanda de carnes crece en 2018

Derrell Peel, Oklahoma State University Extension April 24, 2018

In the face of growing beef production, all eyes are on beef demand in 2018. Beef production is up about 1.5 percent so far this year but total production is projected to increase roughly five percent year over year by the end of the year.

Choice retail beef prices in March were \$5.871/lb., up from \$5.828/lb. in February but down 0.6 percent from one year ago. The All Fresh beef retail price for March was \$5.598/lb., up from \$5.53/lb. in February and up 0.9 percent from one year ago. Choice boxed beef cutout has declined from a February high of \$224.46/cwt. to \$213.34/cwt. in mid-April but remains 1.6 percent higher year over year for the latest weekly data.

In the last four weeks, higher primal values for the rib, chuck, brisket, short plate and flank have been partially offset by lower loin and round values. Brisket values are especially strong, with wholesale value up over 30 percent year over year, while Ribeye values are down some from earlier highs but still up six percent from last year in the last four weeks. Higher chuck values are led by strong Flat Iron steak and Chuck Roll prices, up roughly 28 percent from one year ago. Short Ribs are also up about 27 percent, likely supported by strong export demand.

Lower loin values are a short term concern and a continuation of a longer term trend of weaker relative loin values. Loin values have declined relative to other parts of the carcass over the last decade. Currently wholesale values for Tenderloin are down about 11 percent year over year while Loin Strip prices are roughly 7 percent lower than one year ago.

Retail beef prices continue to hold up well relative to pork and poultry prices. March retail pork price was \$1.502/lb., up from \$1.478/lb. in February and down 0.7 percent from one year ago. Composite broiler retail price in March was \$1.867/lb., up slightly from the February level of \$1.861/lb. and down 0.6 percent from last year. The ratio of retail beef price to both pork and broiler continues to hold strong despite growing supplies of beef, pork and poultry. Production of beef, pork and broilers are all expected to be record large in 2018 leading to record large total meat supplies of nearly 103 billion pounds, up 3.3 percent year over year. This includes other chicken, turkey, lamb and mutton and veal production.



Net meat exports are projected to move just over 12 percent of total meat production offshore this year and hold per capita domestic meat consumption to 219.4 pounds, retail weight. This level is 1.3 higher than last year and the highest total meat consumption since 2007 but below the record level of 221.9 pounds in 2004. Strong domestic and international meat demand will be critical to minimize the supply pressure on meat prices in 2018.

Tyson anunció que invertirá en carne “falsa”

Plant-based Beyond Burger patties, foreground, are cooked on the grill alongside beef patties on April 20, 2018, at the Epic Burger restaurant on North Clark Street in Chicago, Ill. (Terrence Antonio James / Chicago Tribune)

When you visit a grocery, literal-mindedness is a handicap. Apple butter is actually not a dairy product. Grape-Nuts cereal omits grapes as well as nuts. Corn dogs don't need leashes.

The U.S. Cattlemen's Association, however, is appalled that new forms of protein are being sold under names such as Beyond Beef and Impossible Burger. Vegetarian and vegan substitutes for meat have gained a significant share of the market, partly because of health considerations and partly because of aversion to killing harmless animals for food. But the livestock group fears that consumers are being cruelly misled.

It wants the Department of Agriculture to stop not only the use of these brand names but any term suggesting that there is such a thing as “synthetic beef” or “vegan meat.”

It complains that Beyond Meat offers what it calls a “a plant-based burger that smells, tastes, looks and even feels like ground beef” — and, if you can imagine, “strategically merchandises its products adjacent to traditional meat in grocery stores.” Yet, it notes, these foods are composed entirely of “nonmeat ingredients such as ‘pea protein isolate,’ ‘rice flour’ and ‘yeast extract.’”

About 8 million Americans are vegetarians, nearly half of whom are also vegans. To anyone who prefers to avoid foods harvested from livestock, it is a convenience to find these humane alternatives next to the original versions. That's why soy and almond milk are stored in the dairy case, where most of the products come from cows.

Some people who grew up drinking milk and eating burgers want to enjoy similar flavors that are derived solely from plants. The more closely the substitutes resemble animal products in taste, texture and appearance, the likelier they are to sell. The cattlemen's organization, however, waxes indignant that “Beyond Meat's web site shows that its burger patties are virtually indistinguishable when sold next to traditional ground beef.”

This industry is not the first to try to stifle plant-based competition. Last year, Democratic Sen. Tammy Baldwin of Wisconsin (“America's Dairyland”) introduced a bipartisan bill titled the Defending Against Imitations and Replacements of Yogurt, milk and cheese to Promote Regular Intake of Dairy Everyday Act (acronym: DAIRY PRIDE). It would prevent makers of substitutes from using the term “milk.” The supporters want the Food and Drug Administration to permit that label only for the “lacteal secretion” of a cow — yum!

The idea is that the government needs to intervene to prevent deception. Baldwin says that “imitations are marketed using the good name of dairy to sell their products.” Actually, they use the bad name of dairy — its reliance on the relentless exploitation of sentient creatures — to sell their products.

The beef lobby deploys the same argument. Alternatives, it says, must “not be permitted to be labeled as ‘beef,’ which is widely understood by consumers to be the flesh of a bovine animal.” A prohibition is needed “to eliminate the likelihood of confusion and to better inform consumers.”

This is the sort of claim it's hard to make without breaking up. Raise your hand if you have ever been at the customer service counter behind someone demanding a refund because his Vegan NOBEEF Strips contained no beef. What the beef and dairy producers want is for the government to protect them from competition.

People buy almond milk not because they think it contains cow's milk but because they know it doesn't. They order veggie burgers in the happy knowledge that no hooved beast was harmed to make them. If you go online in search of vegetarian or vegan foods, you will find such websites as “Fake Meats” and “The Vegetarian Butcher.” They are not trying to fool anyone.

The beef and dairy producers have a bigger fear than imitations made from plants. The real long-term threat is milk and meat derived from animals — but grown from cells in a lab. That would allow humans to enjoy traditional foods without the need to feed, confine, kill or clean up after cattle and other livestock.

“Clean meat” is not commercially viable just yet, but it's already being made. And the cattlemen's group wants the USDA to deny the term “beef” to anything not “harvested in the traditional manner” — that is, from slaughtered cows. Lab-grown seafood is also in the works.

The desires of consumers and the advance of science are converging in a way that is likely to remake our food system. The cattlemen can try to block this unwanted development. But they might as well try to milk a steer.



USDA aprobó el traslado de virus de la aftosa para hacer un estudio en el continente

USDA April 26, 2018 Secretary of Agriculture Sonny Perdue has authorized the movement of a modified, non-infectious version of the Foot and Mouth Disease (FMD) virus from the Plum Island Animal Disease Center to the U.S. mainland for the purposes of continued vaccine development and study. While modified FMD virus is unable to cause disease and presents no risk of transmitting the disease, it is still live FMD virus, and Federal law requires the Secretary's approval for this movement.

Identifying a vaccine that uses a modified virus will enable USDA to more quickly source and acquire FMD vaccine in the event of an outbreak of this devastating disease. With this announcement, vaccine companies may now apply for USDA permits to continue their work with this specific modified, non-infectious FMD virus in the United States. All permits granted would include appropriate biocontainment and use restrictions, and may be revoked if warranted.

In order to protect our nation's livestock, the live FMD virus was previously not allowed anywhere in the country except for the Plum Island Animal Disease Center, where it was held and worked with under very strict biocontainment procedures. However, with advances in technology, it is now possible to genetically modify the virus so that it is non-infectious. With this added protection, it is now possible to allow vaccine development within the U.S., rather than relying upon overseas sources.

FMD is a highly contagious viral foreign animal disease that affects domestic livestock – including cattle, swine, sheep, goats, and domestic cervids – with reduced milk and meat productivity, illness, and death.

Informe oficial solicitó al USDA más efectividad en la reducción de patógenos en la carne

25/04/2018 La Oficina de Responsabilidad Gubernamental de Estados Unidos (GAO) ha emitido un informe en el que revisa el enfoque del USDA para reducir el nivel de patógenos en productos cárnicos y avícolas. Para la GAO, la cadena alimentaria estadounidense es segura pero las enfermedades transmitidas por los alimentos, en especial la salmonelosis, siguen siendo un problema común.

La GAO también mostró como el FSIS ha desarrollado normas que limitan la cantidad de Salmonella y Campylobacter permitidas en ciertos productos cárnicos y avícolas, como carne picada de vacuno, canales de cerdo y pechugas de pollo, pero no ha desarrollado estándares patógenos para otros productos que están ampliamente disponibles, como las pechugas de pavo y las chuletas de cerdo. La GAO sostiene que el proceso del FSIS para decidir qué productos considerar para nuevos estándares no está claro porque no está "completamente documentado", lo que según GAO es inconsistente con los estándares federales para el control interno, según el informe.

La GAO ofrece recomendaciones específicas al FSIS para mejorar los esfuerzos de reducción de patógenos de la agencia. Recomienda al FSIS documentar su proceso para decidir qué productos se pueden considerar para los nuevos estándares de patógenos, incluida la base sobre la cual se toman tales decisiones. El informe también alienta al FSIS a establecer marcos de tiempo para determinar qué estándares de patógenos o políticas adicionales son necesarios para abordar los patógenos en las canales de vacuno, carne picada, cortes de cerdo y cerdo picada.

Finalmente, la GAO recomienda que el FSIS incluya información sobre la efectividad de las prácticas en las granjas para reducir los niveles de patógenos y controlar Salmonella en cerdos.

VARIOS

MEXICO cerró con la UE pero todavía negocia con el NAFTA

Bloomberg April 23, 2018 (Bloomberg) -- Senior trade officials from the U.S., Canada and Mexico will meet again in Washington in an intensified push to reach a Nafta agreement in the next few weeks.

Talks will pick up on Tuesday, after cabinet-level members vowed on Friday to keep up the momentum following consultations with their technical teams over the weekend. Mexican Economy Minister Idefonso Guajardo said last week that after seven months of discussions, the three sides have entered a concentrated phase where "my negotiating team is practically living in Washington." Still, major differences remain over key U.S. demands.

Mexico scored a separate commercial victory over the weekend with a deal in principle to update a 17-year-old free-trade agreement with the European Union. Guajardo jetted to Brussels to help close the deal. Chrystia Freeland, Canada's minister for foreign affairs, said Friday that North American Free Trade Agreement negotiators have been making good progress on updated rules for cars, which she said will be at the heart of any eventual updated Nafta.

"We have had some very energetic and productive conversations," Freeland told reporters on the steps of the U.S. Trade Representative's office following meetings with her counterparts. "We are certainly in a more intense period of negotiations, and we are making good progress."

Immigration Controls



U.S. President Donald Trump on Monday said again that he could make Mexican-immigration curbs a condition of a new Nafta deal, highlighting that a deal is still far from certain. Trump in a Twitter post said Mexico “must stop people from going through Mexico and into the U.S.,” adding “We may make this a condition of the new NAFTA Agreement. Our Country cannot accept what is happening!”

Foreign Minister Luis Videgaray responded it’s unacceptable to demand that Mexico tie changes to its “sovereign” immigration policy to an updated trade pact.

“Mexico decides its immigration policy in a sovereign manner, and the migration cooperation with the U.S. takes place in such a way that Mexico agrees,” Videgaray said on Twitter.

Cars, Agriculture

This week’s talks are set to be the broadest and biggest since the final official negotiating round in Mexico City in early March, according to a preliminary agenda obtained by Bloomberg. Topics include automotive rules, agriculture, and legal and institutional matters such as dispute settlement mechanisms.

Mexican President Enrique Peña Nieto traveled to Germany over the weekend to meet with Chancellor Angela Merkel at the Hannover Messe, a huge industry show where Mexico is the chosen partner country this year. Deepening ties with the EU is part of Mexico’s push to diversify beyond the U.S., the destination for 72 percent of the nation’s \$435 billion in exports last year. Peña Nieto said he’s optimistic he’ll have good news to announce from the Nafta talks.

The EU is an attractive target for export expansion for Mexico, in part because many countries in the bloc have consumers with comparable wealth and spending habits to those of the U.S. The EU in recent years also inked a free-trade agreement with Canada, which was implemented in 2017.

Mexico’s negotiations with the EU began almost two years ago, and technical teams will continue to iron out the details, both sides said Saturday. Analysts have speculated that something similar could happen on Nafta, with an agreement in principle coming in the next few weeks while technical teams continue to work on the fine print.

Trump’s negotiators, led by U.S. Trade Representative Robert Lighthizer, have been pushing for a deal by early May. That would meet U.S. timelines for having an agreement approved, at the latest, by the lame-duck session that will follow mid-term congressional elections in November, said two people familiar with the negotiations. Guajardo this month said he sees an 80 percent chance of an agreement by the first week of May. Negotiators are also rushing for a deal as Mexico approaches elections on July 1.

Canadian Prime Minister Justin Trudeau is keeping expectations modest, warning that recent signs of progress don’t mean a deal is imminent.

“There’s positive advances that have been made, but it’s not over ’til it’s over,” Trudeau told reporters in Halifax, Nova Scotia, on Saturday.

VENEZUELA: Panaftosa enviaría una misión para evaluar la situación

25/04/18 - por Equipe BeefPoint O Centro Pan Americano de Febre Aftosa (Panaftosa) vai enviar no próximo mês uma missão veterinária à Venezuela, para ajudar nas medidas de erradicação da febre aftosa e na estruturação do serviço veterinário do país.

A decisão foi tomada pela Comissão para Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa), na sexta-feira (20), durante reunião da entidade que acontecia na Bolívia. E se deve ao reaparecimento de foco no território colombiano, mas a alegação é de que seriam animais contrabandeados da Venezuela.

De acordo com o representante brasileiro na Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e diretor do Departamento de Saúde Animal (DSA) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Guilherme Marques, o Panaftosa também decidiu acompanhar de perto a situação sanitária da Colômbia, onde foram sacrificados os animais com aftosa no início deste mês. Haviam sido registrados outros quatro focos no ano passado na Colômbia.

Na reunião da Cosalfa o representante do governo venezuelano firmou o compromisso de receber e apoiar equipes do Centro Pan Americano. Há expectativa de disponibilizar 16 milhões de doses de vacina para cada campanha de imunização do rebanho venezuelano. A previsão é que o apoio ao país se estenda pelo menos por dois anos. “Não é simplesmente uma situação humanitária, mas de estratégica e de segurança na região. Existe um plano hemisférico de combate à doença”, disse o diretor.

Segundo Guilherme Marques “a Venezuela não dispõe de vacina suficiente para as campanhas, não tem estrutura necessária para desenvolver suas vigilâncias, mas está disposta a se equipar. Os venezuelanos têm um órgão oficial de defesa sanitária que é o Instituto Nacional de Saúde Agrícola Integral (Insai), têm legislação e bons veterinários que atuam nos escritórios. Então, não estamos começando do zero. Mas daremos apoio para a execução das medidas de combate à doença, trabalhando junto com o setor privado daquele país”.

O diretor não concorda com a simples doação de vacinas a qualquer país, sem que seja feito o acompanhamento da vacinação, o cadastramento de propriedades e com a estrutura necessária à estas ações. “É um projeto de anos que tem que ser desenvolvido nessa região com ênfase na vacinação e com conhecimento situacional da doença no campo”, explicou.



Decisão

Em relação à retirada da vacinação contra a aftosa no Brasil, Marques disse que representantes dos países da América do Sul, acompanham com atenção o processo, pois dos 350 milhões de animais de todo continente, 220 milhões estão no território brasileiro.

“Os produtores brasileiros querem avançar nas metas estabelecidas e o estado do Paraná está se organizando para apresentar uma proposta formal ao Mapa, para acelerar o calendário. Para isso, o Paraná, bem como qualquer outro estado que decida e demonstre capacidade de antecipar a retirada da vacinação, receberá equipe do Mapa para avaliar se será possível a antecipação do cronograma”, alertou Marques.

EMPRESARIAS

JBS ampliará la producción de hamburguesas en sus plantas paulistas

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 23 de abril de 2018 - Empresa investirá R\$ 13 milhões nas unidades de Lins e Osasco

Ampliar foto JBS vai ampliar produção de hambúrgueres Objetivo dos investimentos é modernizar as linhas de produção

A JBS informou nesta segunda-feira, 23, em nota, que fez investimentos de R\$ 13 milhões para ampliar a produção de hambúrguer nas unidades de Lins e Osasco, ambos municípios paulistas. Em Lins, foram investidos R\$ 9 milhões para aumentar em 30% a produção da planta. Em Osasco, foi aplicado o restante. O objetivo, conforme a companhia, é modernizar as linhas de produção.

"Em Lins, além da compra de novos equipamentos e da adaptação da estrutura para o maquinário, a companhia abriu um turno extra para atender ao aumento da capacidade produtiva e contratou cerca de 130 colaboradores", anunciou a JBS. "Por meio de melhorias constantes na eficiência produtiva, a JBS espera continuar o crescimento da linha nos segmentos de food service e do varejo", concluiu.

Frigorífico Florida (Uruguay) inversion de capitales chinos y venezolanos, se pondrá en actividad en mayo

24/04/2018 - En principio apuntará al abasto y luego a terceros destinos.

Otro grupo chino, conjuntamente con capitales venezolanos —precisamente el grupo Zambrano—, pondrá a funcionar antes de finales de mayo el Frigorífico Florida, tras ocho años parado.

Totalmente renovado y en primera instancia dedicado al abasto interno para ir posteriormente logrando las habilitaciones para terceros países, la reapertura demandó una inversión de US\$ 9 millones, a la que se sumarán US\$ 2 millones antes de fin de año.

Ayer el gerente general de la empresa, Jorge Carro, invitado por la Comisión Directiva de la Asociación Consignatarios de Ganado, brindó algunos detalles de la reapertura.

El jerarca aseguró que en principio la meta es faenar entre 700 y 1.000 bovinos semanales —la mitad vaquillonas y la otra mitad vacas—, para que una vez habilitados terceros países, ir incorporando a la faena el novillo gordo.

Una vez que retome las faenas, los empresarios de Frigorífico Florida apuntan a conquistar en dos o tres meses la apertura de Canadá, Estados Unidos, Chile y la Unión Europea, entre otros destinos, para poder ir valorizando la producción.

El frigorífico cuenta con alta tecnología e incluso ya previó las obras de una playa de faena con los nuevos requisitos que impondrá Israel a partir de mayo, donde no se permitirá izar el animal una vez degollado y se precisará un cajón de noqueo rotativo para facilitar el bienestar animal durante el proceso. Asimismo, las obras previeron la instalación de los escáneres electrónicos que impulsa el Instituto Nacional de Carnes (INAC), para tipificar las carcasas objetivamente a partir de este año.

El frigorífico Florida dará trabajo a unas 100 personas y se llegará a 250 empleados cuando se incursione en la exportación. Según dijo Carro a los consignatarios, la planta será la empresa privada con más personal de Florida.

Se aspira a trabajar con personal propio y está descartada la faena de lanares, así como la incursión en la producción para la cuota 481 una vez habilitado el mercado de la Unión Europea. Ese es el cupo de carne de alta calidad procedente de ganados de corral terminados a granos durante los últimos 100 días previos a la faena.

La planta será inaugurada el próximo 7 de mayo, a la hora 11:30, con la presencia de inversores, autoridades departamentales y nacionales.

En cuanto al grupo chino que tiene el paquete mayoritario de acciones, no tiene nada que ver con Foresun que adquirió el exFrigorífico Rosario el año pasado para abastecerse.

Carro explicó que los inversores que apostaron a Frigorífico Florida, ya están en la distribución de alimentos en Asia, principalmente frutas y verduras; están ingresando en el negocio de la carne.



Es que la demanda de alimentos en China continúa creciendo, de la mano de un incremento de la población y de la mejora de su poder adquisitivo, por lo que no se descarta que sigan apostando a la industria frigorífica uruguaya.

China continúa posicionado como el principal mercado para la carne bovina y las menudencias —medido en volumen— y apuesta a continuar creciendo en sus compras.

JBS Carnes exportación récord de productos industrializados en el primer trimestre

27/04/18 - por Equipe BeefPoint A JBS Carnes registró un nuevo récord en la exportación de productos industrializados en el primer trimestre de 2018. En el período, la unidad de negocios comercializó 16,8 mil toneladas para el mercado externo, un promedio de 5,6 mil toneladas por mes. El volumen total exportado de enero a marzo es 33,3% superior al registrado en el mismo intervalo de 2017.

El resultado positivo es un reflejo de la fuerte demanda del mercado externo, un reconocimiento por la alta calidad de los productos y marcas de la Compañía. Además de eso, también demuestra la eficiente estrategia de la empresa en actuar con equipos especializados en mercados consolidados y en expansión, lo que contribuyó de forma relevante para alcanzar el récord.

A JBS Carnes comercializa productos industrializados para diversos países, especialmente para los Estados Unidos, Inglaterra, Alemania, Canadá, Chile y Hong Kong.

Frigorífico Las Piedras Nos preocupa que el 50% de la producción se vaya para un solo destino"

Abril 27, 2018 El director de Frigorífico Las Piedras habló de la trazabilidad y de los problemas de la industria de la carne para el 2018

En la conferencia en la que participó en la Expo Melilla, sobre "El mercado ganadero en modo oportunidad", hizo una enfática defensa con respecto a la trazabilidad, que es criticada por algunos productores. ¿Qué importancia le asigna realmente?

La trazabilidad es un instrumento que va a ser de mucha utilidad para cuando el consumidor requiera algo como lo que se está poniendo de moda ahora, que refiere a la inocuidad y a la seguridad alimentaria. Tenemos que tener la herramienta para poder brindarles a los consumidores de carne la seguridad que implica conocer el origen de la mercadería que están comiendo. Y sin esa herramienta no estaríamos nunca en condiciones de poder hacerlo. Creo que la trazabilidad individual obligatoria es una fortaleza que tiene la producción de carne uruguaya.

Pero hay que pagarla.

A todos nos preocupa quién paga la trazabilidad, sin pensar en que la trazabilidad mejore la colocación de la carne. Hoy no pensamos en los cueros porque valen US\$ 0,50, pero hace cinco años llegaron a valer hasta US\$ 1,70. Un cuero sin marca valdría el doble casi. Solo con dejar de marcar los vacunos, algo que se puede dejar de hacer gracias a la trazabilidad, la colocación de los cueros podría llegar a ser al doble de precio. Alcanzaría para pagarla con creces. Con esa diferencia ya se podría pagar la caravana. El cuero, no la carne, paga la caravana.

¿Qué posición tiene la industria frigorífica en relación a los movimientos de los productores agropecuarios autoconvocados que se ha dado desde enero?

Apoyamos en su momento. Las dos gremiales de la industria, tanto la Asociación de la Industria Frigorífica del Uruguay como la Cámara de la Industria Frigorífica se solidarizaron con el movimiento Un Solo Uruguay. Regido solamente por versiones de prensa, digo que Un Solo Uruguay lo que está haciendo es reclamar al gobierno que no está entendiendo la situación. No se tiene conciencia cabal sobre la importancia de la cadena agroindustrial, en este caso en lo que refiere a la carne.

¿A qué factores les daría mayor importancia para el negocio de la carne?

En el tema de la carne es muy importante la negociación de tratados de libre comercio. Tanto liberar aranceles como medidas paraarancelarias. Es clave eliminar todo eso para tener un espectro mucho más grande de penetración en diferentes mercados.

¿Y en qué situación ve a la carne uruguaya como producto del sector agroexportador hoy?

Una de las fortalezas que tiene Uruguay en su producción cárnica es que tiene muchos países como destino. No es como la soja, que se tiene que vender el 90% a China. Hoy estamos entrando en forma casi permanente a casi 70 u 80 destinos. De todas formas, nos preocupa que el 50% de la producción se vaya para un solo destino.

¿Qué visión tiene para el negocio de la carne en lo que resta de este 2018?

Lamentablemente, las perspectivas son muy poco halagüeñas. Los niveles de actividad se van a ver muy reducidos en estos tres trimestres que quedan en relación al primero. Puede ser en tres o en uno, pero va a haber un hueco muy importante y una actividad diezmada. Y eso conspira con el aumento de costos en la industria.

Pero hubo un aumento de los precios últimamente.

El aumento de los precios en lo interno se debe al aumento de los precios de la hacienda, debido a la escasez de ganados terminados para faena. Por su parte, el aumento en el consumo se explica



principalmente por el aumento del poder adquisitivo, aunque no es mucho lo que creció el volumen de venta.

¿Cree que los precios van a continuar aumentando?

La escasez se debe a la seca que tuvo gran parte del país, por la falta de un buen forraje. Se están haciendo verdes y hay que ver cómo reaccionan con el agua, pero la oferta recién podría aumentar dentro de unos 45 días.

¿Cómo ve la dinámica de competencia entre frigoríficos de capitales extranjeros y de capitales nacionales en el país?

Se ve en la propia faena, donde tenés un 50% en manos de frigoríficos con capitales extranjeros, pero la competencia es normal, con todo en ley. Eso no es un problema.